CONVENÇÕES E FRAGMENTAÇÕES: ANO ZERO

*Letícia Pádua Pereira**

Se esse é o momento derradeiro,
Espero que meu hospedeiro
Receba um castigo,
Sinta o cheiro do perigo,
Enquanto salta do precipício grudado comigo.

Cheiramos a poliéster,
O plástico crepitando,
A fuligem dançando,
Juntamente do ar e do mau cheiro.

Querido, estamos arrastando a pena
Dos nossos ancestrais,
Eles não hesitavam com seus punhais.

v.7, n.2

***Discente em Direito pela Universidade de Brasília (UnB).**
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/2992462166107140.
E-mail: leticia.padua711@gmail.com.

Justificativa: *Deriva-se da reflexão quanto às relações de subserviência subsidiadas pelo panorama institucional acoplado ao direito, em que as promessas de contenção e prevenção das mudanças climáticas se diluem em engrenagem retórica. Além de referenciar, de forma subjacente, a empreitada neoliberal de fragmentação dos direitos fundamentais, à medida que o discurso de greenwashing toma magnitude sob liderança de empresas multimilionárias, ambiente no qual o direito se metamorfoseia em mero instrumento de reprodutibilidade da opressão.*

O desejo de reverter essa cena
Impõe questões sobre o que nos falta ou o que deixamos para trás.
A garra preciosa do solo tenaz,
Nossa sustentação é areia movediça,
Esbarra na agonia, tropeça na carniça.

Cheiramos a poliéster,
Nossos vizinhos lideram indústrias de éster.

Biodiesel, a apresentação é tão sutil,
Nem parece que a suma está no fuzil.

Cheiramos a poliéster.
E, em breve, a biogás,
Nosso pecado foi tentar ter
Direitos básicos para sobreviver,
Mesmo sem dar para trás.

Cheiramos a poliéster;
Nossos cabelos, fumaça.
Presença da matéria da desgraça.